

Sangue na Vila Planalto

Uma história do começo de Brasília, que fez 21 anos

Vladimir Carvalho

Vladimir Carvalho, cineasta, professor da Universidade de Brasília, autor do aplaudido e censurado filme "O País de São Saruê", foi quem escreveu para Movimento a reportagem que segue abaixo. Nela Vladimir relata uma conversa sua com Seo Luís, um ex-camponês que, em 1959, trocou a enxada pela colher de pedreiro, foi ser operário em Brasília e hoje é novamente camponês.

Seo Luís é um dos personagens do novo filme que Vladimir está realizando, sobre a história de Brasília, que comemorou 21 anos na semana passada; e foi escolhido não só por ter sido pioneiro, mas por ter presenciado a chacina praticada pela Guarda Especial de Brasília contra trabalhadores rebelados, naquele tempo. A rebelião começou num dia em que serviram carne estragada no rancho, como no Couraçado Potemkin.

Ainda estava no interior do Mato Grosso, nos cafundós de sua roça, e ouvira o eco da promessa feita em praça pública: Brasília iria passar do sonho à realidade. Já em 1958 o próprio nome Brasília passou a ressoar nos seus ouvidos como uma coisa mágica, um chamariz a lhe espicaçar o espírito, algo a lhe despertar de novo o destino cigano de andarilho. Com família constituída veio parar em Goiás, tratando da terra.

Nessa ocasião comprara uma vaca para facilitar o leite da criança mais nova, e deu-lhe na telha batizá-la de "Brasília"; a rês pariu uma bela cria e ele pespegou no bezerro o nome de "Brasil". Seo Luís se considera semi-analfabeto mas sempre teve uns laivos de patriotismo que não sabe de onde vieram. Passou algum tempo e em 1959, numa quadra difícil, safra ruim, dinheiro nenhum, desfez-se dos trens, inclusive vaca e bezerro, que ficaram entregues ao seu bovino destino de matadouro. Brasília para ele agora era a possibilidade de trabalho na construção, junto com tantos outros que partiram trocando muitas vezes a enxada pela colher de pedreiro.

A obra já ia em meio mas não lhe foi difícil conseguir uma vaga, de vez que o trabalho era tocado em ritmo acelerado, precisando de muitos braços. Era um rojão continuado, sem dó nem piedade, dia e noite. Era a dura

lei dos prazos a cumprir e o homem tinha de ser superior ao tempo, à chuva e ao sol. A ordem era mantida à risca, com capatazes secundados pelas ameaças de homens fardados e armados que rondavam os acampamentos ao menor sinal de desalento. Pela primeira vez ouviu o nome da GEB. Recrutados entre os mais truculentos ou mais deformados pela miséria, os homens da Guarda Especial de Brasília agiam com plena impunidade, sem peias nem freios.

As condições de trabalho, de alojamento e passadio, segundo Seo Luís, nunca foram das melhores e havia muito descontentamento. Este só era amenizado em dias de pagamento, quando os homens se entregavam à descontração de um bom trago e digeriam o sonho do retorno à terra natal. Por conta disso aguentava-se o tranco.

Fixado no gravador que seguro à sua frente, Seo Luís recorda como era difícil aturar os tempos da construção. Um dia o banzo da separação da terra e da família, o cansaço, o amor próprio e a rebeldia foram tocados por uma noção de dignidade recôndita, e os homens tiveram um gesto insufocado de revolta. A coisa vinha num crescendo que passava despercebido ou então era uma espécie de "deixar correr" naquele clima de trabalho intenso, com descidas de aviões e aparições meteóricas dos grandes figuras. Mas o fato é que aconteceu com brutal violência.

Seo Luís me garante que tudo começou por causa do rancho onde as irregularidades se acumulavam. E explodiu finalmente num dia em que serviram uma grande partida de carne estragada, tal como no Potemkin. Como em uníssono, os pratos de ágata tilintaram no pátio dos barracões como se tudo obedecesse a

paradas.

Quando a noite veio, a morte desceu célere sobre o acampamento da "Pacheco Fernandes". Ensarilharam-se logo as armas da persuasão, dispensou-se o entendimento e os dentes rangiam de ódio. Como se os peões fossem bichos num curral, a GEB veio rastejando na calada da noite, tomou posição e fez vomitar sobre os leitos dos que dormiam, amparados apenas pelo tabique de madeira, a metralha "corretora".

Os estampidos da chacina, segundo consta, não alcançaram a opinião pública do país e extinguiram-se pelas quebradas do cerrado até os confins do Centro-Oeste. Os tratores da Novacap fizeram o resto: uma vala comum no barro vermelho, sem a cruz cristã. O sangue dos inocentes adubou a terra na altura da Vila Planalto, e talvez seja por isso que as árvores ali crescem com tanto viço, e o "ficus" forma verdadeiros bosques no descampado brasiliense, de onde se descortina, não muito distante, o Palácio do Planalto.

Isto horroriza até hoje o bom coração do meu informante.

A fita acabou mas Seo Luís ainda me conta que morou em Taguatinga, vizinho a um velho cabo da GEB, "meio alienado da cabeça", segundo suas palavras. À noite, não dormia, tinha visões terríveis e os seus familiares tinham de amarrá-lo à cama. Tinha atirado sobre os candangos e não sofrera a mínima punição. O remorso o levava a uma situação desesperante. Acabou-se no delírio, dos loucos, num hospital de indigentes, chamando pelos nomes de suas vítimas.

Digo a Seo Luís que de alguma maneira a história registrou o acontecimento e falo-lhe do jornal *Binômio*, de Belo Horizonte, que fazia oposição a Juscelino Kubitschek e que por isso mesmo estampou a ocorrência. Asseguro-lhe que há pessoas atentas que pesquisam nesse caminho, em busca da verdade. Animo-lho porque sei que é um homem solidário, preocupado com o próximo, e lhe garanto a inclusão do seu testemunho no documentário que realizei com material compilado do americano Eugene Feldman que aqui esteve em 1959.

Agora que Brasília comemora 21 anos pode-se ver e ouvir Luís Perseghini, que voltou a ser agricultor perto de Brasília. Ele conta no filme "Brasília Segundo Feldman" esse lance do massacre, que, por tanto tempo, foi referido em surdina, com lapsos de memória e talvez com cores dramáticas nem sempre fiéis à realidade.

Não basta a tumba que um estranho remorso pequeno-burguês fez erguer no Campo da Esperança (nome do cemitério de Brasília), com a indulgente inscrição "Túmulo do Candango Desconhecido". Longe dali, há uma cova no meio do cerrado que clama por justiça. E a sombra dos "enterrâneos" mortos na "guerra" da construção ronda as histórias que passam de boca em boca de seus descendentes nos barracos da periferia.



De todo o Brasil foi gente para Brasília

uma batuta invisível. Com a recusa da volta ao trabalho, a surda "orquestração" tomou foros de um motim (talvez a primeira greve de que se tem notícia nos ermos do Planalto) e pôs logo de prontidão um esquema para debelá-la. Do alto dos sus 65 anos, mourejado na dura lida e no sofrimento, Seo Luís não soube me precisar que tipo de gestões houve, se é que houve. O caso é que por todo o restante do dia um grande contingente permaneceu de braços cruzados e as obras